

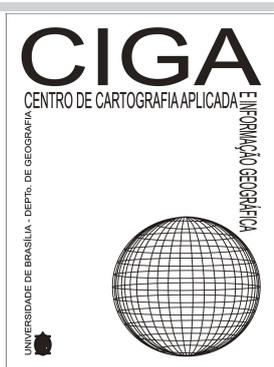
Artigo

Análise do Livro didático: Geografia - Ensino Médio, 2ª Edição. Governo do Paraná.

Leonardo Matheus de Souza Ribeiro

p. 66-78

Revista



T - T - T

Revista Eletrônica:
Tempo - Técnica - Território,
V.11, N.1 (2020), 66-78
ISSN: 2177-4366

Como citar este artigo:

Ribeiro, L. M. S.

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: GEOGRAFIA - ENSINO MÉDIO, 2ª

EDIÇÃO. GOVERNO DO PARANÁ - Revista Eletrônica: Tempo - Técnica

- Território, v.11, n.1 (2020),p.66:78 ISSN: 2177-4366.

Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/ciga/>

Esta obra está licenciado com uma Licença
Creative Commons Atribuição - Não Comercial
4.0 Internacional.

ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO: GEOGRAFIA - ENSINO MÉDIO, 2º EDIÇÃO. GOVERNO DO PARANÁ.

Leonardo Matheus de Souza Ribeiro

Graduando em História pela Universidade de Brasília, Disciplina GEOAFRO - 1º
Semestre 2020. E-mail: leoribeiro.cg@gmail.com

RESUMO: Considerando a importância da formação geográfica para a necessária educação antirracista no Brasil, o presente artigo examina, a luz de conceitos fundamentais para o ensino de Geografia, o discurso e a abordagem a respeito da população afrobrasileira no livro didático disponibilizado publicamente pela Secretaria de Educação do Paraná.

Palavras-chave: Livro didático; Geografia; Licenciatura; África; Brasil; Afro-Brasileiro.

ABSTRACT: Considering the importance of geographic training for the necessary anti-racist education in Brazil, this article examines, in the light of fundamental concepts for the teaching of Geography, the discourse and approach regarding the Afro-Brazilian population in the textbook made publicly available by the Secretariat of Paraná Education.

Keywords: Textbook; Geography; Licentiate; Africa; Brazil; Afro-Brazilian

1. FAÇA A FICHA TÉCNICA DO LIVRO (AUTOR, EDITORA, ANO DE PUBLICAÇÃO, EDIÇÃO, ETC) E DESCREVA RESUMIDAMENTE COMO SE APRESENTA A ESTRUTURA DO LIVRO DIDÁTICO (UNIDADES, CAPÍTULO, ITENS, ETC).

Ficha técnica do livro

Autores: André Aparecido Alflen, Gisele Zambone, João Carlos Ruiz, Leda Maria Corrêa Moura, Márcia Regina Garcia, Rosélia Maria Soares Loch.

Editora: Centro de Editoração, Documentação e Informação Técnica da Secretaria

Estadual da Educação do Paraná (SEED-PR)

Ano de publicação: 2007

Edição: 2º Edição, versão digital.

Páginas: 280 **Capítulos:** 17

O livro completo se encontra no site

http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/livro_didatico/geografia.pdf a

partir do site institucional da SEED-PR, na pasta de Geografia.

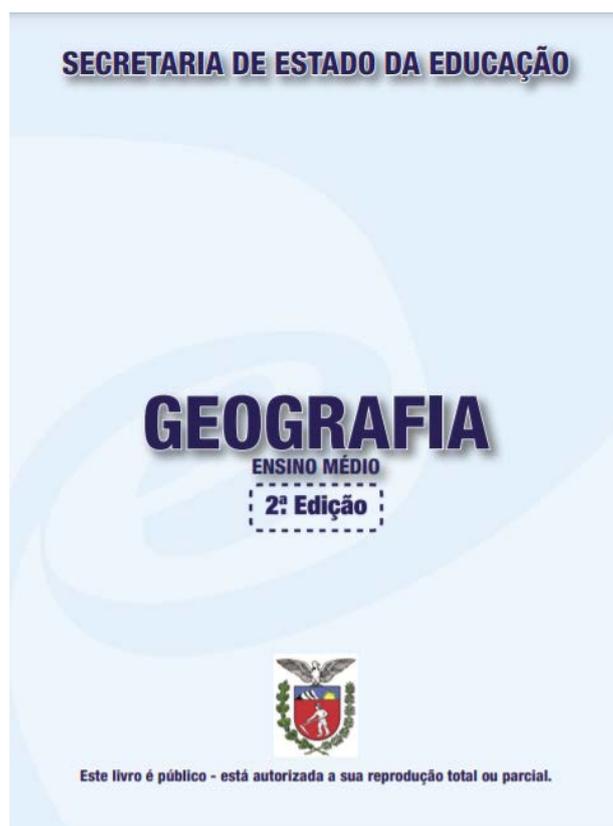


Figura 1 - Capa do livro, versão digital.

Estrutura do Livro didático:

O livro, que é organizado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná, tem diversos autores, e tem o livro dividido em 4 eixos, chamados de Conteúdos Estruturantes. O livro tem 280 páginas e 17 capítulos.

Segue abaixo o índice do livro:

Texto de Apresentação do LDP de Geografia

Conteúdo Estruturante: Dimensão Política do Espaço Geográfico

1 – O Brasil podia ser diferente?

- 2 – É proibida a entrada!
- 3 – A união faz a... ?
- 4 – A água tem futuro?

Conteúdo Estruturante: Dimensão Cultural e Demográfica do Espaço Geográfico

- 5 – Você produz ou consome o espaço?
- 6 – Para onde vais?
- 7 – Nada a ver? Tudo a ver!
- 8 – Passa por sua cabeça ter muitos filhos?

Conteúdo Estruturante: Dimensão Econômica do Espaço Geográfico

- 9 – A indústria já era?
- 10 – A gente se vê no shopping?
- 11 – Nós da rede
- 12 – Dinheiro traz felicidade?
- 13 – Fome: problema econômico?

Conteúdo Estruturante: Dimensão Socioambiental do Espaço Geográfico

- 14 – Os seres humanos são racionais. Será?
- 15 – Pare de sonhar com um carro!
- 16 – Catástrofes são evitáveis ou inevitáveis?
- 17 – Você toma veneno?

2. É POSSÍVEL DETECTAR A CONCEPÇÃO DE GEOGRAFIA QUE O LIVRO EXPLÍCITA? POR EXEMPLO, CRÍTICA, CONSERVADORA, DESCRITIVA, DENTRE OUTRAS.

O livro por ser organizado a partir da pesquisa de muitos autores, e demandado e financiado diretamente pela Secretaria Estadual de Educação do Paraná (SEED-PR), acaba perdendo parte da identidade metodológica de um autor e passa a dividir conceituações e abordagens conjuntas a da SEED-PR. No parágrafo que trata sobre a abordagem do livro, vemos um amplo leque de conceitos gerais da geografia, que caminham a partir de diversas abordagens.

“Assim, para responder as perguntas próprias do campo de estudo da Geografia, é preciso compreender e interpretar a realidade social, econômica, política, cultural e ambiental do espaço geográfico de forma integrada. Isso significa considerar as dimensões geográficas da realidade – econômica, geopolítica, socioambiental, cultural e demográfica – e como elas participam da constituição do recorte espacial colocado em estudo. Essas dimensões traduzem-se, nesse livro, nos Conteúdos Estruturantes das Diretrizes Curriculares de Geografia: Dimensão Política do Espaço Geográfico, Dimensão Cultural e Demográfica do Espaço Geográfico, Dimensão Socioambiental do Espaço Geográfico. Estes Conteúdos Estruturantes mereceram, cada um deles, um texto de apresentação que pode ser usado para debate em sala de aula.

Considerando a concepção de Geografia exposta é que construímos o Livro Didático Público, desejando ainda que este transforme a escola num lugar de pesquisa para compreensão do espaço em qualquer escala geográfica.”

Aqui compreendemos que a organização do livro tenta construir um diálogo entre as abordagens mais presentes dentre as discussões docentes do Estado do Paraná, durante a gestão do Governador Requião, e o secretário de educação Maurício Requião.

Na apresentação do livro, faz-se uma discussão sobre como a Geopolítica influencia na formação das noções de fronteiras físicas e culturais nas nações, e como os Estados se formando transformaram a forma de relação entre os povos. A apresentação cita autores como Milton Santos, Juan Gabriel Castañeda, Josué de Castro, ainda que não tragam uma abordagem mais transversal entre eles.

3. QUAL O CONCEITO DE ESPAÇO GEOGRÁFICO ADOTADO PELO LIVRO? ELE ESTA EXPLICITO?

O livro não deixa explícito qual é o conceito exato de Espaço Geográfico que ele adota, muito por ser uma organização da SEED-PR com utilização de pesquisa de vários autores e pesquisadores para livros didáticos. Porém, tanto na apresentação do livro quanto no primeiro conteúdo estruturante apresentado (Dimensão Política do Espaço Geográfico), podemos perceber que é adotado como elementos constituidores do espaço geográfico as relações entre dimensões econômicas, políticas, socioambientais, culturais e demográficas, e como elas participam da constituição do recorte espacial colocado em estudo.

O livro sempre questiona muito o leitor em relação a noções comuns sobre o espaço da sociedade, sua relação com o meio e com as diversas questões colocadas pelo

desenvolvimento da humanidade no espaço. Mas ao questionar muito, também responde de forma rasa ou desconexa em muitos momentos, em uma tentativa de construir uma teia de tudo, uma malha de informações, passa sem aprofundar muitas questões, deixando “lacunas”.

4. EXISTE ALGUM CAPÍTULO QUE ABORDE AS QUESTÕES ÉTNICO-RACIAIS NO BRASIL? COMO ELE SE APRESENTA?

Não. Não existe um capítulo do livro para tratar as questões étnico-raciais, nem no Brasil nem em uma perspectiva global. O livro que a SEED-PR usa para o ensino médio é extremamente pobre de conteúdo em trabalhar a questão étnico-racial. Mesmo sendo um livro após a promulgação da lei 10.639 em 2003, pelo então presidente Lula recém eleito, o livro é raso ao questionar a nossa formação social a partir do olhar étnico também, local de esquecimento da negritude na formação da compreensão histórica do território nacional. Evidenciando uma dificuldade do Estado em aplicar uma política pública consciente e transformadora para combater o racismo estrutural e sistêmico.

No início do povoamento do território do Brasil, ou do país que viria a ser chamado assim, a população de origem européia e africana ficou bastante restrita ao litoral, desenvolvendo inicialmente atividades econômicas com características extrativistas. **Que características seriam estas? Procure mais detalhes.**

No final do século XVI, os colonizadores começaram o cultivo da cana-de-açúcar e a montagem de engenhos de açúcar, principalmente no litoral do nordeste. A escolha por sítios litorâneos, próximos às baías ou enseadas junto da planície litorânea, deu-se porque a produção agrícola era dirigida para a exportação. Nossas primeiras cidades estavam ligadas à função de porto comercial e militar, e tinham o objetivo de garantir a posse da Colônia pela Coroa Portuguesa.

Observe na figura 3 - “A Marcha do Povoamento e a Urbanização” - as cidades e suas datas de fundação. É importante salientar que a data de fundação é aquela quando o núcleo urbano recebe o título oficial de vila ou cidade, mas elas já existiam antes.

Figura 2 - Exemplo de abordagem rasa, com invisibilização do que foi o processo de escravidão

Os momentos do livro em que se trabalha a questão étnica são raros, e quase sempre tratados de forma rasa, a palavra “Escravidão” aparece somente duas vezes dentre as 280 páginas do livro. Assim como o exemplo da **Figura 2**, onde podemos perceber que quase que se esconde o modo de produção escravista, colocando apenas como modo

extrativista, mas não explicitando que sua mão de obra era escravizada e violentada. O cultivo de cana é abordado como uma iniciativa dos Colonizadores a partir dos Engenhos de açúcar, mas não se preocupa em explicar o funcionamento dos engenhos.

Nos séculos XVI e XVII, a lavoura canavieira e a criação de gado foram as atividades que contribuíram para a efetivação da ocupação do espaço brasileiro e sua expansão territorial. A pecuária permitiu também a fixação da população, o que deu origem à formação dos primeiros núcleos urbanos no interior do território. Eram povoados pequenos onde já ocorria a atividade artesanal, o comércio, residiam os funcionários da administração municipal, oficiais da Coroa, artesãos e mercadores.

Figura 3 - Ocultação da lógica escravocrata por trás da lavoura de cana;

Na Figura 3, fica mais evidente esse apagamento direcionado da prática escravista nas lavouras de cana-de-açúcar, apagando totalmente da narrativa o trabalho forçado, a violência e abusos cometidos com os africanos escravizados ao longo desses dois séculos. É importante apresentar que a historiografia já apresenta muitos estudos e pesquisas mostrando a forma de escravidão que sustentavam o trabalho nos Engenhos de açúcar nos séculos XVI e XVII, autores como Luiz Felipe de Alencastro e Giovanni Antonio Andreoni¹ (Mais conhecido como Padre André João Antonil) trazem elementos e fontes historiográficas que atestam a escravidão nesse período.

¹ Trato dos Viventes de Luiz Felipe de Alencastro, ao tratar da questão indígena, constantemente traz comparações com os africanos escravizados nos engenhos, nos séculos XVI e XVII. Cultura e opulência do Brasil, por suas drogas e minas, do Padre Antonil é um dos relatos mais detalhados sobre os mecanismos para manutenção da escravidão e das lavouras de cana-de-açúcar na Bahia e Pernambuco no século XVI e XVII.

5. EXISTEM EXPLICAÇÕES SOBRE O SISTEMA ESCRAVISTA VIGENTE QUASE QUATRO SÉCULOS NO BRASIL COLONIAL-IMPERIAL? COMO ELE É TRATADO?

Como mencionado anteriormente, o livro didático proposto, em suas 280 páginas só menciona a escravidão duas vezes. Na página 27, que trata sobre o fim da monarquia e o início da república, e na página 105, que trata sobre migrações forçadas. É evidente o

apagamento da escravidão na forma do livro de contar a formação do Estado nacional, da urbanização, da formação das lutas e resistências afrobrasileiras durante os séculos de formação do território brasileiro.

Um outro momento em que vemos a questão do sistema escravista aparecer, é no capítulo 2, na página 47, quando o livro trata sobre o surgimento e desenvolvimento das favelas, que sabemos ter sido um processo de exclusão social e do Estado, um apartheid territorializado no início do século XX, que privilegia espaços de moradia e habitação para imigrantes europeus e empurra para as encostas e morros a população negra liberta após o fim da monarquia e abolição de 1888.

O termo “favela” surgiu para identificar uma forma de habitação popular construída nas encostas do Rio de Janeiro, ainda no final do século XIX, por uma população majoritariamente composta de ex-escravos que antes viviam nos cortiços existentes em áreas ao redor do centro da cidade. Originalmente, a palavra favela foi utilizada como apelido do Morro da Providência, no Rio de Janeiro, que começou a ser ocupado para moradia por ex-combatentes da Guerra de Canudos, que teriam trazido da campanha uma planta chamada “favella”, muito comum em Canudos. (Leia mais sobre a formação das favelas do Rio de Janeiro no Folhas “Você produz ou consome espaço?”).

Figura 4 - Processo de formação das favelas.

É muito preocupante perceber que o ensino médio do Paraná, teve no início do segundo milênio, tão pouco acesso a uma formação anticolonialista, mesmo com a política brasileira mudando e tendo importantes avanços nas leis para equidade na educação superior. Esse silenciamento e apagamento direcionado, empobrecem as perspectivas da juventude de conhecerem sobre sua própria história, sua própria formação enquanto povo, e acabam prestando um papel vil a noção de democracia racial que compreendemos no Brasil.

6. O LIVRO APRESENTA IMAGENS DE CONTEXTOS AFROBRASILEIROS DE MANEIRA ESTEREOTIPADA?

Não, o livro quase não apresenta ilustrações e imagens de pessoas ou paisagens, quase na totalidade, as imagens do livro são mapas.

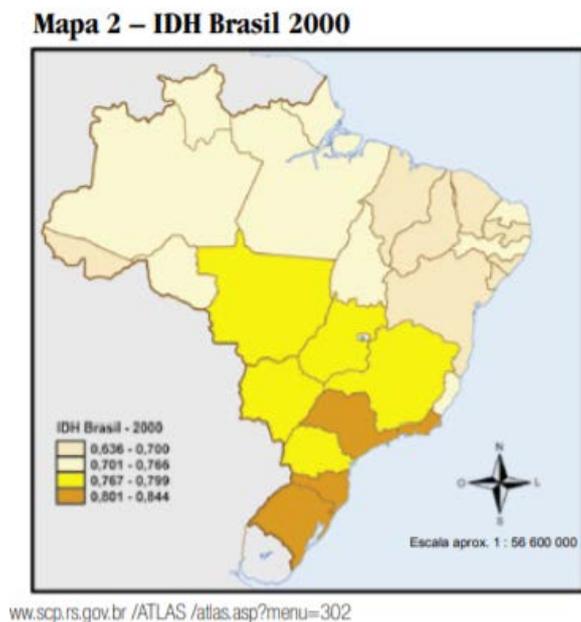


Figura 5 - Mapa do IDH.

Principais Setores Industriais no Brasil – 1999

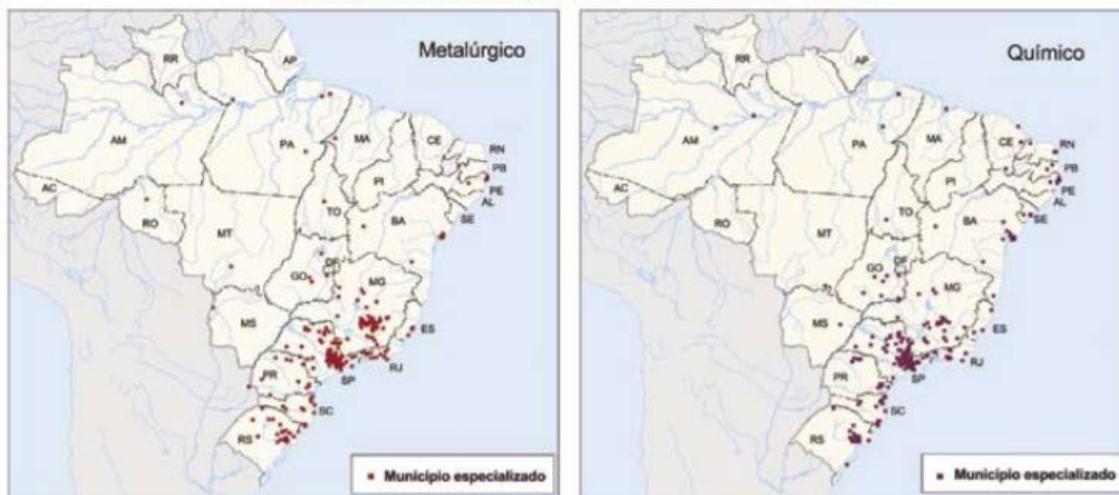


Figura 6 - Mapa das indústrias do Brasil em 1999.

Eu avalio que é um livro com pobreza de imagens e ícones representativos para trabalhar em sala de aula no ensino médio, hoje em dia é preciso ampliar o lúdico dos estudantes a partir das mídias disponíveis. No se tratar do contexto afrobrasileiro, é mais raso ainda, como todo o livro e seus “esquecimentos direcionados” percebemos que não há uma disposição em evidenciar os povos do Brasil, e assim também se encontra a população afrobrasileira no livro, que nesse caso não chega a ser figurante, no mais se encontra quase que como um acidente na formação nacional.

7. EXISTEM REFERÊNCIAS (TABELAS, MAPAS, TEXTOS, ETC.) SOBRE A DIVISÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA POR GRUPO ÉTNICO E/OU “CÔR”? SE HOVER ELA É SEGUIDA DE UMA REFLEXÃO CRÍTICA?

Não existe. O livro não traz nenhuma discussão sobre a divisão da sociedade brasileira, seja por grupo étnico, poder econômico e nem por religião. A única divisão posta em mapa gráfico da sociedade brasileira, se dá no mapa de concentração de idosos (Figura 7), o que impressiona para um livro recomendado que é encontrado no site da SEED-PR na pasta de Geografia como sendo o livro didático recomendado pela secretaria. Sendo assim, não há uma reflexão crítica sobre a divisão social do país, o assunto é mais uma vez direcionado ao esquecimento, ao silêncio proposital do livro.

Mapa 1 – Proporção da população com mais de 65 anos por estado

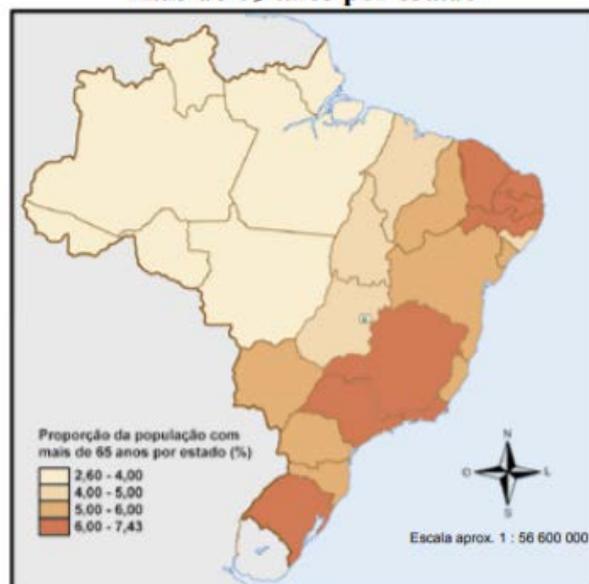


Figura 7 - Mapeamento da população com mais de 65 anos por estado.

8. NO LIVRO HÁ REFERÊNCIAS SOBRE A SITUAÇÃO SOCIAL, ECONÔMICA E POLÍTICA DOS AFROBRASILEIROS NO PAÍS?

Sim, porém de forma muito simplista, generalista e compreendendo o afrobrasileiro sempre em situação de pobreza, exclusão, falta de acesso, sem ocupar espaços importantes na divisão social do trabalho, e no livro, aparecendo quase sempre em lampejos, quando citado essa questão, rapidamente o autor muda a discussão, leva para outro espaço, relegando o silêncio para o debate. A Figura 8 é uma das 5 vezes em

que a palavra Negro é citada, e é a maior exemplificação desse lugar social já estabelecido para o negro, uma pergunta que se faz e não se propõe a responder.

Em sociedades complexas como a nossa, ou seja, aquelas que são divididas em classes sociais, compostas por vários grupos étnicos, nas quais as pessoas migram com maior ou menor intensidade em função de variáveis políticas e/ou econômicas, os estudos culturais geográficos são tão importantes quanto, também, complexos. Perguntas como: por que a maioria dos **negros** brasileiros são pobres e, portanto, ocupam espaços urbanos menos valorizados e pior estruturados? Ou, por que há, em grandes metrópoles, a formação de bairros étnicos? Certamente há explicações históricas, econômicas e políticas para essas configurações sócio-espaciais que devem ser centrais nas análises geográficas culturais. As respostas a essas questões, se reduzidas a explicações étnico/culturais isoladamente, possibilitam afirmações preconceituosas e não verdadeiras.

Figura 8 - Introdução do Conteúdo Estruturante de Dimensão Cultural e Demográfica do Espaço Geográfico.

9. EXISTE ALGUMA EXPLICAÇÃO NO LIVRO PORQUE OS DESCENDENTES DO CONTINENTE AFRICANO NO BRASIL POSSUEM POSIÇÃO DESIGUAL NAS QUESTÕES LIGADAS AO TRABALHO, SAÚDE, EMPREGO E EDUCAÇÃO, PRINCIPALMENTE?

De forma completamente despreocupada em trazer elementos críticos, contradições e questionamentos, o livro didático do ensino médio do Paraná produz um apagamento seletivo de sujeitos que foram desprezados da “História Oficial” do país, E preocupa a falta desses elementos na produção de estudantes críticos e engajados em conhecer e transformar o seu espaço.

O termo “favela” surgiu para identificar uma forma de habitação popular construída nas encostas do Rio de Janeiro, ainda no final do século XIX, por uma população majoritariamente composta de ex-escravos que antes viviam nos cortiços existentes em áreas ao redor do centro da cidade. Originalmente, a palavra favela foi utilizada como apelido do Morro da Providência, no Rio de Janeiro, que começou a ser ocupado para moradia por ex-combatentes da Guerra de Canudos, que teriam trazido da campanha uma planta chamada “favella”, muito comum em Canudos. (Leia mais sobre a formação das favelas do Rio de Janeiro no Folhas “Você produz ou consome espaço?”).

Hoje elas estão presentes nas maiores e nas menores cidades do Brasil. Para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o conceito adotado para favela é um aglomerado “sub-normal”, constituído por um mínimo de 51 domicílios, que ocupa terreno de propriedade alheia e as construções ou arruamento estão dispostos de forma desordenada e bastante próximo (áreas adensadas), além da carência de serviços públicos essenciais.

As favelas são áreas de habitações irregulares, pois seus moradores não possuem título de propriedade, a infra-estrutura (como água encanada e energia elétrica) é, muitas vezes, conseguida através dos gatos*. A área não possui arruamento pré-estabelecidos como em um loteamento regular.

Figura 9 - Explicação rasa sobre o surgimento das favelas cariocas.

É nítido como a falta de percepção crítica, empobrece a noção de povo brasileiro no livro. Quando se remete a exclusão do negro, só se trata na perspectiva do fim da escravidão e não do processo em si, com o desenho de suas mazelas e consequências para o “Brasil contemporâneo”, não se trata do negro livre no século XIX e a construção de suas redes de resistência e enfrentamento as perversidades do sistema escravista e sua marcas profundas.

10. FINALMENTE, O LIVRO DIDÁTICO CONSIDERA AS MATRIZES ORIUNDAS DA ÁFRICA COMO VERDADEIRAS REFERÊNCIAS DA FORMAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA? FAÇA UMA AVALIAÇÃO FINAL DO QUE PRECISA SER AJUSTADO NA PUBLICAÇÃO E O QUE PODE SER USADO NO PROCESSO EDUCACIONAL REFERENTE AO “BRASIL AFRICANO CONTEMPORÂNEO”.

Não. O livro didático pesquisado, no caso, é um livro recomendado pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED-PR) como livro didático para as escolas estaduais, sendo um livro base para abordar as questões importantes para cada ano do ensino médio. Porém o que vemos é um livro que silencia categoricamente a participação

do negro e da população afrobrasileira e africana no desenvolvimento do Brasil, adota uma perspectiva de leitura base historiográfica a partir da “História Oficial”, perdendo elementos constituidores da brasilidade, da formação de povo nacional, e endossando de forma velada uma noção de democracia racial chancelada pela branquitude.

O livro consegue fazer com que uma população que corresponde a mais de 50% da nossa composição étnica, seja completamente minorizada na forma de contar e descrever sobre sua ocupação nos espaços geográficos do país. Richard Santos, Doutor em ciências sociais pela UnB, e líder do Grupo de Pesquisa Pensamento Negro Contemporâneo (UFSB-CNPq) é autor do livro “Maioria minorizada: um dispositivo analítico de racialidade”, e trata sobre essa contradição latente no território nacional e em suas disputas cotidianas de narrativas, a população afrobrasileira, ainda que maioria, tem seus direitos, vozes, cultura e contribuição política minorizadas pela branquitude e pelo racismo estrutural. O que vemos nesse livro é exatamente o paradigma da branquitude contando sua narrativa, a partir do esquecimento da narrativa dos povos colonizados e dizimados pela expansão marítima e colonização europeia.

A formação dos autores é quase toda centrada no Paraná, e isso levanta questões sobre a lei 10.639/03 e seu alcance e aplicação em território nacional, uma vez que percebemos um déficit evidente na formação dos docentes na perspectiva de trabalhar os traços étnicos de nosso povo, principalmente os traços afrobrasileiros e amefricanos, Cabe pesquisar se as Universidades Estaduais na época da publicação deste livro, passaram a identificar essas contradições e apresentar críticas a esse apagamento que na prática dialoga com o epistemicídio da contribuição afrobrasileira em nosso território.

Cabe também questionar a política de estado da SEED-PR em apresentar esse livro como indicação oficial de livro didático base para o ensino médio estadual. Essa formação deslocada da realidade concreta do país, das desigualdades étnicas e as disparidades de direitos entre os sujeitos, implica na formação de estudantes sem elementos questionadores do território e espaço. A desigualdade não atinge somente os não brancos do Brasil, mas seus efeitos são mais aprofundados com a questão étnica, desde a abolição, a população afrobrasileira precisou lidar com a negação constante do Estado a seus direitos civis, um exemplo notável é a perseguição sistemática ao Samba desde a primeira república, até a prisão do grupo Racionais em 1994 sob acusação de incitação a violência após um show. Esses fenômenos que são expressões do racismo atingem de forma sistemática a maior parte da nossa população. e considerar

